

Em busca da saúde brasileira

In search of Brazilian health

Márcia Regina Barros da Silva

Pesquisadora do Centro de História e Filosofia das Ciências da Saúde (UNIFESP)
Rua Tiro ao Pombo, 402/94 bloco 31
02844-060, São Paulo — SP Brasil
mbarros.cehfi@epm.br

Macondo era então uma aldeia de vinte casas de barro e taquara, construídas à margem de um rio de águas diáfanas que se precipitavam por um leito de pedras polidas, brancas e enormes como ovos pré-históricos. O mundo era tão recente que muitas coisas careciam de nome e para mencioná-las se precisava apontar com o dedo

(Gabriel Garcia Marques, *Cem anos de solidão*).



Jacobo Finkelman (org.)
Caminhos da saúde pública no Brasil
Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, 2002, 326p.

Em se poderia introduzir o livro *Caminhos da saúde pública no Brasil* pelo título talvez mais conhecido do escritor colombiano Garcia Marques, *Cem anos de solidão*. Este livro dá, em alguma medida, um termo de comparação às histórias das doenças públicas que coabitam o território brasileiro junto com suas diversas populações. Seja porque se pode dizer que Garcia Marques trazia em suas raízes uma relação cotidiana com diferentes processos de saúde e doença que fica aparente no livro — seu pai era proprietário de uma farmácia homeopática —, seja porque a América Latina, região não-imaginária de que fala o livro, também estabeleceu muito das suas relações internas e de vizinhança como um espaço de experimentação sobre a doença e a saúde, por exemplo como sede de um dos primeiros organismos internacionais de cooperação a atuarem no mundo, especialmente nessa área, a Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS), criada em 1902¹.

Para celebrar o centenário da OPAS foi preparada uma publicação com organização de Jacobo Finkelman, representante da instituição no Brasil, e coordenada por Nísia Trindade, diretora da Casa de Oswaldo Cruz; João Batista Risi Junior, coordenador do Projeto de Informação em Saúde da OPAS; Roberto Passos Nogueira, do IPEA e da Universidade de Brasília; e Otávio Azevedo Mercadante, secretário-executivo do Ministério da Saúde, além de diversos colaboradores.

O livro é dividido em três partes. A primeira intitula-se 'O Brasil e a Organização Pan-Americana da Saúde: uma história de três dimensões'; a segunda, 'As condições de saúde no Brasil'; e a terceira, 'Evolução das políticas e do sistema de saúde no Brasil'.

A unidade dos textos vai além do objeto comum de análise, a saúde pública no Brasil. Ela pode ser também verificada pela construção em

¹ Sobre o tema ver as duas publicações produzidas pela própria organização: Paz Soldan, C. E. *La OMS y la Soberania Sanitaria de las Americas*. Lima, 1949 e PAHO. *Celebrating 100 years of Health. Pan American Health Organization*. Washington DC. 2002

conjunto de uma conclusão absolutamente necessária para o momento atual, a de que a saúde é um processo amplo, relacionado às condições socioeconômicas e culturais das pessoas que vivem em determinada localidade.

O primeiro capítulo é o que fornece as maiores possibilidades interpretativas para se pensar as constantes e as variáveis que compõem o cenário da saúde na história do Brasil. Neste capítulo torna-se possível acompanhar algumas das diferentes discussões que se travaram sobre a questão da saúde pública e que englobavam propostas de definição de uma nacionalidade brasileira. A autora parte da problematização, bastante discutida na historiografia, do Brasil como um imenso hospital, e vai até a perspectiva, inaugurada em fins dos anos 1960, da saúde como um “componente essencial do desenvolvimento” (p. 82). Nas palavras de Nísia Trindade, “... uma das constatações que se fazem imperiosas é exatamente o alargamento da agenda da saúde, em grande medida relacionado ao aumento da consciência sobre a interdependência nas sociedades humanas no final do século XX” (p. 94).

É neste capítulo também que se torna mais imediata a discussão sobre o papel da OPAS no Brasil. Inicialmente pela avaliação do organismo como responsável por auxiliar na difusão de idéias científicas relacionadas à saúde, por meio das conferências sanitárias e do boletim da instituição, no período que vai até o início dos anos 1950 e, num segundo momento, nos anos pós-guerra, pela análise da criação da Organização Mundial da Saúde (OMS) e do crescimento da ingerência do governo norte-americano em relação às políticas internas de países latino-americanos.

A escolha da autora foi por produzir um pequeno mapa de alguns dos mais conhecidos estudos sobre o tema da saúde na historiografia do Brasil. A partir daí ela pôde desenhar um quadro da saúde no país do século XIX até períodos mais recentes, analisando o crescimento da interação do Brasil nos programas desenvolvidos pela OPAS e discutindo, paralelamente, como se dava o aumento da influência dos países da América Latina na instituição. A organizadora desse capítulo é responsável ainda por um conjunto de imagens a respeito de alguns momentos significativos da saúde pública no Brasil, assim como sobre personalidades e material referente a OPAS.

No capítulo dois o panorama apresentado é o da discussão dos principais indicadores de saúde do Brasil: taxas de natalidade e fecundidade, de expectativa de vida e de mortalidade infantil, entre outros “determinantes básicos das condições de saúde”, como saneamento, saúde ambiental, nutrição, doenças transmissíveis e doenças crônico-degenerativas.

A conclusão nada espantosa que se segue a essa avaliação é de que a “frequência de qualquer doença, com raras exceções, aumenta com a redução do nível social e econômico dos grupos sociais” (p. 217).

Apesar de partir da avaliação, no tempo, das questões descritas acima, o capítulo dois não realiza exatamente uma problematização histórica, mas um balanço qualitativo e quantitativo das políticas de saúde e suas implicações e impactos para a composição dos indicadores de saúde brasileiros. Ao avaliar os padrões epidemiológicos do país, os autores procedem a um apanhado geral sobre as doenças mais prevalentes. Umas, como a febre amarela, que uma vez extintas têm marcante retorno ao quadro nosológico brasileiro, e outras, como a malária e a tuberculose, que nunca

saíram do horizonte das nossas patologias, mas apresentaram melhoria no período tratado.

O texto não aprofunda a análise do tema, até mesmo pelo grande número de colaboradores e pela fragmentação do texto, pois não atenta para as relações mais gerais das questões de saúde com o contexto latino-americano, por exemplo, já que falamos da OPAS, e nem mesmo discute os processos internos de descontinuidade das políticas públicas de saúde. Porém o capítulo é bastante interessante para a construção de uma visão do conjunto dos problemas de saúde existentes, como as doenças 'modernas' que se apresentam no cenário mundial hoje, a exemplo da Aids e do diabetes, e dos novos tipos de dificuldades que atingem as sociedades mais urbanizadas, como os acidentes de trânsito e a questão da violência de modo geral.

O terceiro capítulo analisa mais especificamente as principais políticas de saúde pública e os componentes da assistência à saúde adotados no país. Essa análise também é iniciada com uma pequena abordagem histórica sobre a composição da seguridade social brasileira, seus primórdios, com as famosas caixas de aposentadorias e pensão, até o Sistema Único de Saúde, o SUS.

Os conceitos mais recentes de atendimento, tais como aqueles vinculados ao Programa de Saúde da Família (PSF) e a assistência à saúde mental, está avaliada brevemente, são examinados como processos ainda em construção que, principalmente a partir dos anos 1990, tentam algo bastante difícil: tornar viável a promoção à saúde de maneira equânime e continuada. É possível perceber que a fragmentação que atinge o universo da saúde gera dificuldades de orientação e que essas dificuldades não são, certamente, inerentes ao livro, mas ao longo processo de adversidade² que enfrentam a medicina e as populações doentes no Brasil e na América Latina, processos que parecem ainda de difícil solução.

Numa análise geral, acredito que a leitura de *Caminhos da saúde pública no Brasil* auxilia grandemente na divulgação da própria história das ciências, principalmente da medicina, evidenciando, como o livro o faz, algumas das possibilidades interpretativas que a história pode fornecer para as discussões atuais e futuras sobre políticas públicas de saúde. Em segundo lugar, a leitura pode fornecer ainda, ao estudioso desses temas, suporte para acompanhar uma produção reflexiva extensa, já existente, por meio de uma ampla bibliografia, também impulsionando a vontade de aprofundar o conhecimento sobre os rumos e os destinos da saúde pública brasileira.

As últimas palavras do romance citado anteriormente dizem que tudo o que havia acontecido "... era irrepetível desde sempre e por todo o sempre, porque as estirpes condenadas a cem anos de solidão não tinham uma segunda oportunidade sobre a terra".

No nosso caso também é possível que não tenhamos uma segunda chance, tantos são os acertos e principalmente os erros perpetrados em nome da saúde

² Uma análise geral sobre as abordagens adotadas na história das ciências relacionada à América Latina pode ser vista em Marcos Cueto, 'Science under adversity: Latin American medical research and american private philanthropy, 1920-1960'. *Minerva*, 35, pp. 233-45, 1997.

pública que ainda precisam ser discutidos. Estes cem anos de OPAS e de saúde pública no Brasil nos condenam a procurar respostas para os problemas de saúde e a refletir sobre as oportunidades que precisamos inventar para tentar resolver, criativa e profundamente, as sérias contradições da saúde brasileira.

